



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/02/2022 a 24/02/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/02/2022	16,01	447,90	67,57	7,97	6,54
21/02/2022	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
22/02/2022	16,35	453,70	70,15	8,44	6,74
23/02/2022	16,75	471,10	70,72	8,76	6,83
24/02/2022	16,61	464,90	72,00	9,26	6,95
Média	16,43	459,40	70,11	8,61	6,76

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	196,00	
RS – Não Me Toque	196,00	
RS – Londrina	194,00	
PR – Cascavel	191,00	
MT – C.N.Parecis	169,00	
MS – Maracaju	189,00	
GO - Rio Verde	180,00	
BA – L.E.Magalhães	183,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	S/C	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	92,00	
SC – Rio do Sul	93,00	
PR – Cascavel	91,00	
PR – Londrina	91,00	
MT – C.N.Parecis	75,00	
MS – Maracaju	87,00	
SP – Itapetininga	92,00	
SP – Campinas	95,00	CIF
GO – Rio Verde	87,00	
GO – Jataí	87,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	86,00	
RS – Não Me Toque	85,00	
PR – Londrina	87,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 23/02/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/02/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	93,10	195,95	85,43

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/02/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	70,05
Feijão (saco 60 Kg)	286,07
Sorgo (saco 60 Kg)	76,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,91**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,98

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta semana, as cotações da soja em Chicago literalmente explodiram, com altas de quase dois dólares por bushel, com o mesmo ultrapassando os US\$ 17,00 no início do pregão do dia 24/02, algo que não era visto desde 2012. Posteriormente o mercado cedeu bastante, e o fechamento desta quinta-feira (24) ficou em US\$ 16,61/bushel, contra US\$ 15,92 uma semana antes. Lembrando que o recorde histórico em Chicago se deu no dia 04/09/2012, quando o bushel bateu em US\$ 17,71.

O motivo para este excepcional movimento, além da pressão altista provocada pela continuidade da seca e das perdas, em grandes regiões dos principais países produtores da América do Sul, surgiu com a invasão da Ucrânia pela Rússia na madrugada brasileira deste dia 24/02. Estamos falando da principal região produtora e exportadora de trigo do mundo, além de controladora de parte do petróleo e gás natural do Planeta. Uma tensão armada deste calibre, que tentava ser evitada a qualquer custo pelo mundo ocidental, provoca uma escalada de preços e dúvidas sem precedentes. Com o petróleo ultrapassando os US\$ 100,00/barril, pela primeira vez em sete anos no mundo, devido ao conflito, o valor do óleo de soja em Chicago volta a ultrapassar os 70 centavos de dólar por libra-peso, chegando próximo aos seus recordes históricos. O farelo igualmente dispara, se aproximando dos US\$ 500,00/tonelada curta naquela Bolsa. Com isso, o grão encontra mais elementos para subir. A questão, agora, é verificar quanto tempo este conflito irá durar. Pois, assim como sobe no conflito, o mercado desce quando o sentimento é que os motivos não dão mais sustentação às altas. Durante o pregão, o recuo do bushel indica isso, porém, ainda é cedo para conclusões e tudo pode acontecer nos próximos dias.

Dito isso, durante a semana, antes da invasão russa, o mercado assinalava que na semana encerrada em 17/02 os EUA haviam embarcado 975.102 toneladas de soja, ficando dentro do esperado. Com isso, em todo o atual ano comercial o volume embarcado atinge a 39,8 milhões de toneladas, ainda 22% menor do que o praticado no mesmo período do ano anterior. A China estaria comprando bons volumes nos EUA, deixando parcialmente de lado o Brasil devido ao alto preço de nossa soja no momento (a quebra da safra, provocando elevação dos prêmios nos portos em pleno início de colheita por aqui, e a revalorização do Real, tornam nosso produto mais caro).

Assim, os EUA já teriam vendido 4,5 milhões de toneladas da safra nova 2022/23, ainda não plantada, sendo que 60% deste volume foi para a China. Nesta última semana o país asiático teria comprado apenas cinco navios de soja no Brasil, quando o normal é algo entre 25 a 30 navios. (cf. Agrinvest Commodities) Ao mesmo tempo, a China teria revendido soja brasileira no destino (cerca de 10 navios), pois as margens de esmagamento estão ruins naquele país, não compensando trabalhar com soja muito cara procedente do Brasil. (cf. Bloomberg)

A China igualmente estaria na iminência de realizar leilões de seus estoques de soja, entre 1,5 a 6 milhões de toneladas, visando reduzir os preços internos e melhorar as margens de esmagamento das indústrias locais. Quanto mais próximo de 6 milhões for o volume, maior será a possibilidade de os processadores chineses se afastarem das compras de soja brasileira, causando um prejuízo aos negócios nacionais da oleaginosa. (cf. Brandalizze Consulting)

Enfim, ainda no cenário internacional, a Índia estaria contratando um volume recorde de importação de óleo de soja dos EUA. O mesmo chegaria ao redor de 100.000 toneladas e substituiria o produto sul-americano, pouco disponível devido a seca, e também porque o óleo de palma bateu em valores elevados historicamente. As compras do produto estadunidense subiram quase 20% neste ano, chegando perto do seu maior nível em uma década. A Índia geralmente obtém dois terços de suas necessidades de óleo de soja na Argentina, e o restante no Brasil. Mas neste ano, diante da seca, não será o caso. O óleo de girassol também poderia ser uma alternativa para os indianos. Este produto viria do Mar do Norte, porém, o conflito Rússia/Ucrânia impede, no momento, tais negócios.

Nesta semana, o óleo de palma bruto (CPO), na Índia, estava sendo oferecido por cerca de 1.575 dólares por tonelada, incluindo custo, seguro e frete (CIF), para embarques em março, enquanto o de soja bruto atingia a 1.620 dólares e o de girassol bruto 1.515 dólares, segundo traders. O óleo de soja foi mais barato que o óleo de palma e girassol no mês passado, mas o salto repentino na demanda por óleo de soja elevou os preços em 16%, em um mês, atingindo o maior valor em 14 anos.

Na prática, a Índia obtém quase dois terços de suas necessidades de óleo comestível por meio de importações, principalmente óleo de palma da Indonésia e Malásia. Mas a decisão da Indonésia de reduzir as exportações de óleo de palma elevou o preço a um recorde e criou escassez no mercado de óleo comestível. Neste contexto, a Índia poderia importar até 160.000 toneladas de óleo de soja dos Estados Unidos em 2021/22, superando largamente as 36.000 toneladas de um ano atrás.

E aqui no Brasil os preços, apesar da movimentação em Chicago, acabaram ficando represados em função de novas baixas do dólar. O Real, na semana, chegou a ser cotado a R\$ 5,00 por dólar, algo que não era visto desde o final de junho do ano passado (todavia, em função do conflito no Leste Europeu, a moeda estadunidense subia para R\$ 5,13 no início da tarde desta quinta-feira, 24/02). Pelo sim ou pelo não, o fato é que a média gaúcha fechou a semana em R\$ 195,95/saco, contra R\$ 194,60 uma semana antes e R\$ 190,81 duas semanas atrás. Nas demais praças nacionais o preço da soja aos produtores oscilou entre R\$ 169,00 e R\$ 194,00/saco, nesta semana. Na semana anterior os mesmos ficaram entre R\$ 166,00 e R\$ 188,00/saco, enquanto duas semanas atrás os mesmos se estabeleceram entre R\$ 170,00 e R\$ 186,00/saco.

Dito isso, nova revisão da safra brasileira de soja dá conta de que nossa produção deverá ficar em 122 milhões de toneladas. (cf. Pátria Negócios) Neste contexto de quebra de safra e preços altos, quem tem soja está aproveitando para fechar negócios. Tal realidade está favorecendo em muito os sojicultores do Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país, que não enfrentaram muitos problemas com a seca, e aqueles que foram menos atingidos pela intempérie no Centro-Sul. A alta dos preços, agora também puxada pelo conflito armado entre Rússia e Ucrânia, ajuda a compensar o forte aumento nos custos de produção, com estes produtores nacionais até conseguindo margens positivas neste momento.

Diante de todos estes fatos, neste mês de fevereiro o ritmo de negociação da atual safra 2021/22 está abaixo do registrado nos dois últimos anos.

No Rio Grande do Sul, com o retorno de chuvas esparsas em algumas regiões, o plantio da atual safra de soja finalmente teria sido concluído. O atraso no mesmo, em relação ao normal, é imenso. Até meados de fevereiro, segundo a Emater local, 4% da área semeada estava em maturação, 44% em enchimento de grãos, 37% em floração e 15% ainda em germinação e desenvolvimento vegetativo.

Quanto às exportações brasileiras de soja, conforme a Secex, nos 18 primeiros dias úteis do mês de fevereiro o país alcançou 3,39 milhões de toneladas. O volume é bem maior do que tudo o que o país exportou em fevereiro do ano passado, que foi 2,65 milhões de toneladas. Em todo o ano de 2022 o Brasil já teria embarcado mais de 5,8 milhões de toneladas de soja, sendo um recorde histórico. Todavia, 90% deste volume é para atender contratos já firmados anteriormente pelos produtores brasileiros. Ou seja, exportação nova tem muito pouco.

Neste contexto, o mercado considera que março e abril terão dias muito tensos em relação a comercialização da soja, podendo ser um período de muita volatilidade diante dos atuais acontecimentos.

Por sua vez, a colheita de soja teria atingido a 36% da área total brasileira nesta semana, contra 18% na mesma época do ano passado. O Mato Grosso já teria colhido 71,5%, embora as chuvas tenham diminuído o ritmo de corte nesta semana. Aliás, o excesso de chuvas no Centro-Oeste tem prejudicado a soja no final da colheita local. (cf. AgResource Brasil)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, também sofreram influência do conflito armado entre Rússia e Ucrânia, que eclodiu nesta quinta-feira (24). As mesmas chegaram a bater em limite de alta no pregão deste dia, cedendo bastante no final do mesmo. O fechamento acabou ficando em US\$ 6,95/bushel, contra US\$ 6,50 uma semana antes. Este valor não era visto em Chicago desde o início de julho do ano passado.

Dito isso, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 17/02, atingiram a 1,58 milhão de toneladas, ficando dentro das estimativas do mercado. Com isso, o volume total embarcado, no atual ano comercial, atinge a 21,6 milhões de toneladas, ainda ficando 11% abaixo do volume registrado em igual momento do ano anterior.

O mercado, agora, passa a acompanhar o desenrolar do conflito no Leste Europeu.

Aqui no Brasil, os preços do cereal se mantêm firmes, com o saco de 60 quilos fechando a semana no Rio Grande do Sul, na média de R\$ 93,10. Lembrando que a quebra de safra, no Centro-Sul brasileiro em geral e no Rio Grande do Sul em particular, é severa. No caso gaúcho, as perdas caminham para 70% do volume inicialmente esperado. Nas demais praças nacionais o preço do milho fechou a semana oscilando entre R\$ 75,00 e R\$ 93,00/saco.

Já na B3, o contrato março trabalhava a R\$ 99,40 durante o pregão da quinta-feira (24). Enquanto isso, maio registrava R\$ 98,30; julho R\$ 93,02 e setembro R\$ 93,20/saco. Os contratos acompanhavam as altas que ocorriam em Chicago.

A partir de agora, o avanço da colheita de verão, e sua real produtividade; o ritmo de plantio da safrinha, e os efeitos climáticos sobre a mesma; e as tensões entre Rússia e Ucrânia ditarão o rumo destas cotações. Também conta o ritmo de exportação, o qual está sob influência do câmbio e da oferta interna.

Por enquanto, ainda há muita contradição entre as expectativas de colheita da safra de verão no país. A Datagro avança um potencial de produção em 24,8 milhões de toneladas, sendo que 6,7 milhões viriam do Norte/Nordeste. Já o milho safrinha deverá ter forte elevação de área semeada, podendo a mesma chegar a 16,8 milhões de hectares, sendo 14,3 milhões no Centro-Sul e 2,49 milhões de hectares no Norte/Nordeste. A área total superaria em 6% a do ano anterior. Segundo ainda a Datagro, o potencial de produção da segunda safra nacional deste ano seria de 93 milhões de toneladas, ou seja, 48% acima do que foi colhido no ano passado. Desse total, o Centro-Sul responderia com 85,6 milhões e o Norte/Nordeste com 7,4 milhões de toneladas. Obviamente, tudo irá depender do clima. Se o mesmo ajudar a safrinha, o volume total produzido em milho no Brasil, em 2022, poderá ser de 117,8 milhões de toneladas, segundo a mesma fonte, ou seja, 34% acima da frustrada safra passada. Já a consultoria Céleres/Abramilho indica uma produção de 21 milhões de toneladas para a atual safra de verão de milho, contra 27,9 milhões projetadas inicialmente. A fonte em questão aponta uma safrinha de milho projetada em 92 milhões de toneladas.

Dito isso, a colheita do milho de verão no Centro-Sul, na semana encerrada em 17/02, atingia a 31,6% da área total semeada, contra 22% na média histórica.

Já no Paraná, 38% das lavouras da primeira safra já foram colhidas até o início da presente semana, sendo que 42% das lavouras restantes estavam consideradas em boas condições, 26% médias e 22% ruins. A quebra de safra continua estimada em 40% no Estado paranaense, podendo este percentual aumentar. Ao mesmo tempo, o plantio da safrinha de milho atingia a 36% da área de 2,5 milhões de hectares previstos, sendo que 85% das áreas já plantadas eram avaliadas como boas e 15% foram classificadas como médias. (cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul, até o dia 18/02, a semeadura da safrinha de milho atingia a 22,9% da área esperada. A média histórica para o período é de 26,8%. As condições climáticas, mais uma vez, não estão ajudando aos produtores locais. Espera-se uma área final com a safrinha em 1,99 milhão de hectares, com um recuo de 12,6% sobre o ano anterior. Com isso, em clima normal, a produção total da safrinha sul-matogrossense ficaria em 9,34 milhões de toneladas. Por enquanto, o preço médio do milho no Estado atinge a R\$ 85,74/saco em fevereiro, contra R\$ 72,63 um ano antes. Isso significa uma valorização de 18% em um ano. Até meados de fevereiro os produtores locais haviam negociado 10,6% de toda a produção estimada para a safrinha de 2022. (cf. Famasul)

Enfim, quanto ao mercado externo, as exportações brasileiras de milho, em fevereiro, tiveram suas projeções elevadas. Nas três primeiras semanas do mês, segundo a Secex, as vendas externas já atingem a 605.130 toneladas do cereal, ficando em

77,8% do total exportado em fevereiro de 2021. Ao mesmo tempo, a tonelada exportada passou de US\$ 217,90 no ano passado, para US\$ 260,60 neste ano, ou seja, um aumento de 19,6% em seu valor.

Já em termos de importação, nas três primeiras semanas de fevereiro nosso país comprou 32.490 toneladas do cereal. O ritmo de importação é bem menor neste ano, tendo a média diária, no período considerado, ficado 85,6% abaixo da registrada em fevereiro de 2021. Enfim, o preço da tonelada importada subiu 41,9% em relação ao ano anterior, passando de US\$ 174,70 para US\$ 248,00.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, que já vinham pressionadas para cima, dispararam no dia 24/02, diante da confirmação da invasão da Ucrânia pela Rússia, chegando a bater em limite de alta diário. Por ocorrer em uma das maiores regiões produtora e exportadora de trigo do mundo, as cotações do cereal explodiram. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (24) em US\$ 9,26, contra US\$ 7,98 uma semana antes. Cotação semelhante somente foi vista no distante mês de julho de 2012.

O conflito no Leste Europeu traz a preocupação com a possível interrupção na oferta de trigo por parte das regiões em torno do Mar Negro. Além disso, Chicago continua refletindo o último relatório do USDA, deste início de fevereiro, que indicou que apenas 26% da produção de trigo de inverno, da safra 2021/22, no Estado estadunidense do Kansas (maior produtor de trigo de inverno), está entre boas a excelentes condições, contra 30% em janeiro. Já no segundo Estado maior produtor, Oklahoma, somente 9% das lavouras estão entre boas a excelentes condições, contra 16% em janeiro.

Afora isso, o conflito entre Rússia e Ucrânia se dá em uma região de importante logística para o transporte geral de mercadorias, o que tende a agravar a oferta global de produtos, e não apenas de trigo.

E as sanções econômicas dos EUA e da Europa Ocidental, contra a Rússia, em represália à invasão da Ucrânia, devem igualmente complicar o comércio com o Leste Europeu. A questão agora é quando e como tal conflito irá terminar.

Por enquanto, as áreas em que a Rússia identificou como separatistas, e as invadiu, são responsáveis por cerca de 8% da produção de trigo da Ucrânia, que é a quarta maior exportadora mundial do cereal. Já na Rússia, a região mais a oeste do país, que faz fronteira com o território ucraniano, responde por, aproximadamente, 30% da produção russa. (cf. StoneX in: Notícias Agrícolas). Os dois países respondem por quase 60 milhões de toneladas de trigo exportadas para o mundo, ou seja, cerca de 30% do total negociado no mundo no que diz respeito ao cereal.

Enquanto isso, na Argentina, outro importante produtor mundial de trigo, o governo local anuncia que busca estimular o crescimento da produção do cereal, almejando alcançar 25 milhões de toneladas produzidas nos próximos anos. Neste último ano os argentinos exportaram 14 milhões de toneladas segundo o subsecretário do Ministério da Agricultura local. O governo argentino ainda destacou que busca aumentar os

destinos de exportação. (cf. Broadcast) Obviamente, isso ocorrerá se os preços internacionais do cereal se mantiverem elevados e se o governo argentino retirar o imposto de exportação sobre o produto local. Não basta apenas vontade política, como todo mundo sabe.

Por sua vez, na semana encerrada em 17/02 os EUA exportaram 539.366 toneladas de trigo, superando as expectativas do mercado. Com isso, no atual ano comercial, o país norte-americano já exportou 15,05 milhões de toneladas do cereal, porém, o volume ainda é 15% menor do que o registrado um ano antes.

E, aqui no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis durante a semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 85,43/saco, enquanto no Paraná o produto ficou entre R\$ 87,00 e R\$ 90,00/saco.

Os negócios, neste momento de entressafra, são apenas pontuais, pois os moinhos estariam bem abastecidos. Em termos de preços para os próximos dias, enquanto o câmbio puxa para baixo, pois o Real fica mais forte, favorecendo as importações, os valores internacionais sobem devido ao conflito armado entre Rússia e Ucrânia. Mas a volatilidade do câmbio e das cotações internacionais é grande, podendo mudar a trajetória de preços internos do trigo, assim como das outras commodities, a qualquer momento.